

UMA ANÁLISE LINGUÍSTICA DISCURSIVA DO CIRCO POLÍTICO BRASILEIRO EM TEMPOS DE PANDEMIA

A DISCURSIVE LINGUISTIC ANALYSIS OF THE BRAZILIAN POLITICAL CIRCUS IN PANDEMIC TIMES

Márcia Sueli Pereira da Silva Schneider ¹
Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Durante o período pandêmico de COVID-19 (2020-2021), a população brasileira, além de enfrentar a doença e todas suas consequências, teve que presenciar e lidar com ações do recente Governo no enfrentamento da pandemia. As constantes e graves denúncias de manipulações de informações, desvios de verbas, irregularidades em contratos, omissões cometidas, culminaram em um Inquérito Parlamentar para apurar os fatos. Durante o processo, a Comissão Parlamentar de Inquérito do Senado Federal (CPI-COVID 19) realizou oitivas investigativas. Este trabalho buscou, portanto, realizar a análise linguística da oitiva do empresário Luciano Hang, com o objetivo de observar como o Senador Renan Calheiros fez uso de estratégias discursivas, por meio de figuras de linguagem, a fim de criticar a condução do Governo durante o período pandêmico.

Palavras-chave: Pandemia; CPI; Circo; Figuras de Linguagem; Metáforas.

Abstract: During the COVID-19 pandemic period (2020-2021), the Brazilian population, besides facing the disease and all its consequences, had to witness and deal with the actions of the recent Government in confronting the pandemic. The constant and serious allegations of manipulation of information, misappropriation of funds, irregularities in contracts, and omissions committed, culminated in a Parliamentary Inquiry to investigate the facts. During the process, the Federal Senate Parliamentary Inquiry Commission (CPI-COVID 19) carried out investigative hearings. This work sought, therefore, to carry out a linguistic analysis of the hearing of businessman Luciano Hang, observing how Senator Renan Calheiros used discursive strategies, through figures of speech, in order to criticize the Government's conduct during the pandemic period.

Keywords: Pandemic; CPI; Circus; Figures of Speech; Metaphors.

Submetido em 9 de outubro de 2024.

Aprovado em 13 de novembro de 2024.

¹ Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Tocantins. Email: mschneider@uft.edu.br.

Introdução

Doenças e epidemias sempre assolaram regiões e mataram milhares de pessoas em diferentes épocas da história da Humanidade, como, por exemplo, a Praga de Atenas ou Praga do Egito, a Peste Antonina, a Peste de Cipriano, a Praga de Justiniano, Lepra, Peste Negra, Cólera, Gripe Espanhola, entre outras.

Com a evolução da Humanidade, o mundo mudou significativamente, contudo, apesar dessa evolução, a concentração humana e urbana, mobilidade, questões relativas ao meio ambiente e ao comportamento humano propiciam a proliferação de doenças e epidemias de forma mais acelerada do que em tempos passados. Por exemplo, em pleno século XXI, temos ainda a persistência de doenças transmissíveis como Ébola, Zika, Dengue, Chikungunya que requerem das autoridades sanitárias constante monitoramento pelo alto potencial de transmissão (Rezende, 2009). Porém, apesar dos avanços tanto na área econômica quanto na área da saúde, a Humanidade evidenciou, a partir de 2019, uma situação inesperada que expôs a vulnerabilidade do mundo moderno face a riscos emergentes.

Em dezembro de 2019, a Organização Mundial de Saúde (OMS) foi alertada sobre um vírus que estava circulando na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China, e que estava causando vários casos de pneumonia.

Em janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram a identificação desse novo tipo de vírus pertencente ao grupo do Coronavírus, que eram considerados a segunda principal causa de resfriado comum, e, raramente causavam doenças mais graves em humanos. Esse novo vírus foi, inicialmente, nomeado de 2019-nCoV, contudo, em fevereiro de 2020, recebeu a nomenclatura de SARS-CoV-2², responsável por causar a doença COVID-19.

Ao final de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo vírus se constituía em uma Emergência de Saúde Pública Internacional e, em 11 de março de 2020, a COVID-19³ foi caracterizada pela OMS como uma pandemia que levou a uma

² Vale ressaltar que os vírus relacionados ao grupo do SARS-COV causam síndrome respiratória aguda grave.

³ De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) o número total de mortes associadas direta ou indiretamente à pandemia de COVID-19 entre 1 de janeiro de 2020 e 31 de dezembro de 2021 foi de aproximadamente 14,9 milhões (intervalo de 13,3 milhões a 16,6 milhões).

paralisação global. Como estratégia inicial, na tentativa de frear a disseminação do vírus, foi adotado o isolamento social, isolamento esse, que permaneceu por quase dois anos.

A partir desse quadro pandêmico, a comunidade da área da saúde passou buscar por medicamentos que pudessem tratar os infectados e, por uma vacina que pudesse frear a disseminação do vírus. Nesse ínterim, os países adotaram regras de condução da pandemia pautados nas informações e orientações fornecidas pela OMS.

No Brasil, a população, além de ter que lidar com as questões referentes à pandemia, também teve que lidar com questões de ordem política interna, tendo em vista que nossos governantes (presidente e governadores) tinham concepções contrárias na condução das estratégias adotadas e, principalmente, na vacinação em massa da população quando as primeiras doses de vacina foram disponibilizadas em 17 de janeiro de 2021.

O alto número de mortalidade⁴; o posicionamento contrário às estratégias de isolamento da população; a dificuldade e/ou irregularidades na compra das vacinas para a vacinação da população por parte do Governo de Jair Messias Bolsonaro, culminou na abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI-COVID-19), cujo o objetivo foi investigar supostas omissões e irregularidades nas ações do Governo durante o período pandêmico.

Dessa maneira, este trabalho buscou realizar a análise linguística do discurso inicial do Senador Renan Calheiros durante o depoimento e investigação do empresário Luciano Hang na CPI-COVID 19, ocorrido em 29 de setembro de 2021, com o objetivo de observar como o Senador faz uso de estratégias discursivas, por meio de figuras de linguagem, a fim de criticar a condução do Governo durante o período pandêmico.

1. CPI-COVID 19: Breve Retrospectiva

A Comissão Parlamentar de Inquérito do Senado Federal (CPI-COVID 19) foi instituída pelos Requerimentos nºs 1.371 e 1.372, de 2021, e, durante o período pandêmico teve como finalidade:

- ❖ apurar as ações e omissões do Governo Federal para o enfrentamento da pandemia no Brasil, especialmente no agravamento da crise sanitária no

⁴ O Painel Coronavírus, atualizado em 17/10/2024 apresenta 38.968.268 casos confirmados, com número de óbitos totalizando 713.795.

Estado do Amazonas que enfrentou a ausência de oxigênio para os pacientes internados;

- ❖ investigar as possíveis irregularidades com contratos e fraudes em licitações, superfaturamento e desvio de recursos públicos;
- ❖ assinatura de contratos com empresa de fachada para prestação de serviços genéricos, fictícios e/ou ilícitos se valendo dos recursos originados da União Federal;
- ❖ ações ou omissões cometidas por administradores públicos federais, estaduais e municipais, no trato com a coisa pública durante a pandemia.

A CPI teve como composição 11 senadores titulares e 7 senadores suplentes. Dentre eles, para condução dos trabalhos, o Senador Omar Aziz como presidente, o Senador Randolfe Rodrigues como vice-presidente e o Senador Renan Calheiros como relator.

Durante as investigações foram indiciadas várias pessoas ligadas diretamente ao Governo Federal, como, por exemplo, o próprio Presidente da República Jair Bolsonaro, os Ministros da Saúde⁵ que atuaram no cargo durante o período, Ministro-chefe da Presidência, Ex-ministro das Relações Exteriores, Ministro-chefe da Controladoria-Geral da União, Ministro da Defesa e da Casa Civil, alguns Deputados⁶, Ex-chefe da Secretaria Espacial de Comunicação Social, Assessor Especial para Assuntos Internacionais da Presidência da República, Ex-assessor da Presidência da República, entre outros.

Foram indiciadas também pessoas externas ao Governo, mas que de alguma maneira tinham ligação ao que foi denominado de “Governo/Gabinete Paralelo⁷”, e empresários ligados a esse Governo Paralelo, como, por exemplo, sócios da empresa Precisa, empresários suspeitos de disseminar *fake news*, como, por exemplo, o empresário Luciano Hang, entre outros.

Durante o trabalho de investigação, além dos documentos físicos, foram realizadas 67 reuniões, das quais 58 sessões foram de oitivas, todas televisionadas pela TV Senado, nas quais foram ouvidas 61 pessoas.

⁵ Luiz Henrique Mandetta, de 1 janeiro 2019 a 16 abril de 2020, Nelson Teich, de 16 abril de 2020 a 15 maio de 2020, Eduardo Pazuello, de 15 maio de 2020 a 15 março de 2021 e Marcelo Queiroga, de 23 de março de 2015 a 31 de dezembro de 2022.

⁶ Como por exemplo, Ricardo Barros, Flávio Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, Carla Zambelli.

⁷ Grupo que seria formado por médicos e empresários que aderiram ao negacionismo defendido pelo presidente. Foram acusados de contribuir para a disseminação de *fake news* sobre a doença, de promover tratamentos sem comprovação científica e defender a “imunidade de rebanho” em detrimento do distanciamento social e da vacinação em massa.

O depoimento do empresário Luciano Hang nos interessa em decorrência do discurso inicial do Senador Renan Calheiros durante essa oitiva.

2. O Palco da CPI-COVID19

A oitiva do empresário Luciano Hang, integralmente televisionada pela TV Senado, ocorreu em 29 de setembro de 2021. Luciano Hang prestou mais de 6 horas de depoimento à CPI-COVID19. Contudo, para este trabalho, o recorte para análise linguística é um trecho de 8 minutos e 57 segundos e faz referência ao discurso inicial do Senador Renan Calheiros⁸ durante a oitiva.

Ao analisar um ato de linguagem, Charaudeau (2008) nos chama a atenção ao fato de que não devemos apenas observar a intenção do sujeito comunicante e/ou dar conta da totalidade de intenção do sujeito comunicante, tendo em vista que uma análise nesses moldes seria apenas a observação de um texto produzido. De acordo com o autor, o sujeito interpretante, ao analisar um texto, deve dar conta dos “possíveis interpretativos” que surgem e/ou se cristalizam no ponto de encontro dos dois processos – de produção e de interpretação.

Quanto aos “possíveis interpretativos”, o autor esclarece que são testemunhas das práticas sociais que caracterizam um grupo ou uma comunidade e constituem as experiências dos indivíduos que pertencem a esses grupos. Essas representações, compostas por várias ordens de organização, são estruturadas por meio de elementos linguageiros, semânticos e formais e constituem um “instrumento” que possibilita interrogar os textos, fazendo, assim, emergir os “possíveis interpretativos”.

Sendo assim, ao dar início à análise do dado, observou-se que, após o discurso inicial realizado pelo empresário Luciano Hang, no qual se apresenta, conta sua história de vida, desde sua infância pobre até chegar ao patamar de um empresário bem sucedido de uma rede de loja de departamento, o presidente da CPI passou a palavra para Renan Calheiros para que desse encaminhamento ao trabalho de oitiva.

Renan Calheiros inicia seu discurso por meio de forma de tratamento protocolar com *papel alocutivo de interpelação* (Charaudeau, 2008), utilizando “Senhor Presidente”,

⁸ José Renan Vasconcelos Calheiros, Senador pelo Estado do Alagoas, político de carreira, cumpre seu quarto mandato no Senado Federal, é o atual decano em termos de mandatos contínuos. Durante a CPI-COVID19, foi relator e inquiridor durante várias oitivas.

“Senhoras Senadoras, “Senhores Senadores”, para se referir aos seus alocutários, estabelecendo, dessa maneira, uma relação entre locutor e interlocutor, chamando a atenção de seus ouvintes para o que viria a seguir.

Senhor Presidente, Senhoras Senadoras, Senhores Senadores, (éé) em primeiro lugar, eu quero agradecer a presença do empresário Luciano Hang (...) (Renan Calheiros, CPI-COVID19)

Ao considerar que naquele momento, o papel que Calheiros deveria assumir seria o de “interpelador” do empresário Luciano Hang e, as razões pelas quais levaram o empresário a ser indiciado eram estampadas diariamente nas diversas mídias, não necessitaria, portanto, uma retomada dos fatos. Calheiros poderia apenas apresentar como seria dada a condução do interrogatório, porém, a mesma somente foi apresentada após a retomada narrativa dos fatos.

(....) (éé) De modo que nós estamos apenas aqui para aprofundar essa investigação, e me permita, Senhor Presidente, eu quero **combinar um procedimento**. Eu vou **dividir** o interrogatório **em três partes**. Eu **vou começar a fazendo perguntas ao depoente** e gostaria, na medida do possível, **são perguntas diretas, concretas, pontuais, que ele responda sim ou não**. Em seguida, eu vou para **uma outra etapa**, que é uma **etapa de acareação do interrogado com o que ele próprio falou em oportunidade diferente**. Eu vou para uma **terceira etapa**, sobre as quais **nós temos aqui documentos, evidências e informações, vídeos, áudios, tudo, absolutamente tudo**. **Não é para confrontar, mas é para tentar obter a verdade desse depoimento** que é tudo que nós queremos aqui na comissão parlamentar de inquérito. (Renan Calheiros, CPI-COVID19)

Na sequência ao seu cumprimento e agradecimento pela presença do empresário, Calheiros retoma os fatos relacionados à COVID-19, não apresentando esses fatos conforme eram veiculados diariamente nas mídias e da maneira conhecida pela população, mas por meio de uma organização narrativa.

De acordo com Charaudeau (2008), para que haja uma narrativa, é necessário que o contador queira transmitir algo a alguém, reunindo tudo aquilo (informações) que dará um sentido particular a sua narrativa. Porém, Charaudeau (2008:153), citando Varga, aponta que “para que uma sequência de acontecimentos contados se transforme em uma narrativa, é preciso inventar-lhe um contexto”, e foi o fez que Renan Calheiros, “criou o contexto” para retomar os fatos de forma que seus ouvintes, não apenas os presentes, mas os que estavam acompanhando pelas mídias, permanecessem atentos à sua fala.

(...) e dizer Senhor Presidente, que nesta comissão parlamentar de inquérito, nós temos ouvido e mostrado ao país **alguns personagens**, e essa Senador Girão, é a qualificação mesmo mais apropriada, que é a síntese dessas **macabras figuras** que flagelam a nação indistintamente. (Renan Calheiros, CPI-COVID19)

Ao criar o contexto para sua narrativa, o faz mediante uso de figura de linguagem. Ao utilizar de metáfora “macabras figuras”, Calheiros cria uma conexão poética e simbólica entre as palavras para sugerir que as figuras sombrias e assustadoras que estavam à frente do Governo eram os principais responsáveis pelo sofrimento da população. Essa interpretação é reforçada pelo verbo que utiliza na sequência “flagelam”, cujo significado indica “causar sofrimento físico ou psicológico” e, no contexto de uma linguagem figurada, é comumente utilizado para descrever tortura ou sofrimento intenso.

Vereza (2007), ao abordar questões do uso da metáfora no discurso, afirma que os nichos metafóricos podem ser vistos como “um grupo de expressões metafóricas interrelacionadas, que podem ser vistas como desdobramentos cognitivos e discursivos de uma proposição metafórica superordenada normalmente presente (ou inferida) no próprio co-texto”.

De acordo com a autora, a linguagem metafórica não pode ser vista apenas como um “ornamento para embelezar um texto”, mas com o propósito de “resolver diferenças de opinião”. Para a autora, a cognição anda de mãos dadas com o discurso, pois o leitor, ao estabelecer conexões entre domínios que pareciam desconectados, participa na construção de sentido e se torna uma espécie de cúmplice do argumento apresentado.

Dessa maneira, partindo da compreensão de que a linguagem metafórica “contribui linguisticamente, cognitivamente e pragmaticamente ao poder argumentativo do discurso a partir de uma cadeia de implicações textualmente coesas” (Vereza, 2010), a análise que se segue focará nas metáforas utilizadas por Calheiros para retomada dos fatos por meio de um nicho circense.

Calheiros prossegue seu discurso, construindo-o por meio de eufemismos e metáforas, não somente com o intuito de amenizar expressões que poderiam ser interpretadas de forma ofensiva, mas para responsabilizar e criticar, indiretamente, os políticos que se encontravam à frente do Governo naquele momento e/ou pessoas externas a ele, mas que estavam implicadas na questão.

(...) Trata-se de **figuras corriqueiras, na sabujice** ao poder, em busca de ganhos fáceis, através de **fanfarras mortais**. Em todas eras do nosso país houve a figura do **bobo da corte**, independentemente de trajes usados ao longo dos tempos. São úteis para **bajular o rei**, os **poderosos do camarim** e criar, Senhor Presidente, Senhores Senadores, **cortinas de fumaça** para desviar a atenção dos dramáticos e reais problemas da nação. (Renan Calheiros, CPI-COVID19)

Nesse excerto, observa-se que Calheiros busca elucidar as “macabras figuras”, explicando que as mesmas seriam “figuras corriqueiras”, aquelas pessoas sem importância que encontramos no dia a dia, mas que se tornaram bajuladores do Governo (rei- Presidente, poderosos do camarim – Ministros) para conseguir poder fácil. Calheiros reforça esse papel dos bajuladores por meio da expressão “bobo da corte”.

O bobo da corte era uma figura clássica das cortes medievais, contratado para entreter o rei e a rainha e fazê-los rir. As vestimentas do bobo da corte, eram, geralmente, coloridas, chamativas, com chapéu extravagante, muitas vezes com guizos, com sapatos pontudos e de bico fino.

Ao analisar a expressão, vemos que Calheiros a utilizou não somente como forma de comparação (palhaços), mas também como forma de crítica, ou seja, não importa qual o período temporal, tão pouco a roupa que veste, o bobo da corte sempre existiu e existirá, contudo, nesse momento ele não desempenha o papel de palhaço para fazer rir, mas para criar uma distração intencional (“cortina de fumaça”, como, por exemplo, *fake news*) para desviar o foco dos reais e graves problemas que assolava a Nação.

Calheiros também reforça as ações dessas “figuras corriqueiras” como “bajuladores, puxa-sacos” por meio da expressão metafórica “fanfarras mortais”. Ao pensar na expressão “fanfarra” nos vem à mente celebrações, música vibrante, algo prazeroso, no entanto, no contexto em que o termo é utilizado cria uma imagem de pompa, mas que por baixo da superfície festiva, carrega uma realidade sombria, perigosa e letal.

Após interrupção de sua fala⁹, Calheiros retoma sua narrativa dos fatos:

Diante de quase 600 mil vidas ceifadas, muitos **bufões** circulam escarnecendo das perdas das famílias brasileiras. São **entidades**, Senhor Presidente, são

⁹ O discurso de Calheiros foi interrompido pelo Senador Flávio Bolsonaro acusando-o de agredir verbalmente o empresário Luciano Hang, chamando-o de “palhaço”. Vale ressaltar aqui, que o Senador Flávio Bolsonaro se fazia presente às oitivas daquelas pessoas indiciadas e ligadas direta ou indiretamente ao Governo, e que, durante essas oitivas assumia um papel de defensor, provocando tumultos no decorrer do processo das oitivas.

entidades, que sequer merecem o título de seres humanos, uma vez que se despiram de valores humanitários iluministas ou da fraternidade em troca de numerários. São movidos unicamente pela ganância e em nome da avareza desumana advogam, lamentavelmente, o indefensável. No flagelo atual, defendem a imunidade coletiva, a imunidade natural, a imunidade de rebanho inexistente. No flagelo atual, Senhor Presidente, repetindo, defendem imunidade coletiva, imunidade natural, imunidade de rebanho inexistente. Cloroquina, ivermectina e outras toxinas inservíveis contra COVID-19 e disseminando-as mentirosamente.

Começaram a defender a vacina, **prestem bem atenção nisso**, quando enxergaram a possibilidade de propina e lucro fácil, como aconteceu pela ocasião da autorização dada pela Câmara dos Deputados para que empresários privados comprassem vacina da Precisa. autorização essa que foi em boa hora barrada pelo Senado Federal.

O truque mágico, com capa e cartola, e ainda Senhor Presidente, muitos coelhos ocultos, e aqui uma alusão ao depoente.... (Renan Calheiros, CPI-COVID19)

Calheiros segue seu discurso, acusando e criticando indiretamente àquelas pessoas responsáveis (“bufões, entidades”) pelo grave problema e condição deplorável que causaram sofrimento social e físico à população, e apresenta sua indignação para com essas pessoas, ao afirmar que “sequer merecem o título de seres humanos”, e traz para reforçar sua indignação os ideais Iluministas.

Ao buscarmos pelos princípios e ideais iluministas¹⁰, vemos que esses valores ajudaram a moldar as bases das democracias modernas e continuam a ser fundamentais para a construção de sociedades mais justas e humanas.

Calheiros afirma que essas pessoas, ao se despirem de valores humanitários iluministas, estariam recuando na evolução moral e social da humanidade em detrimento de seu bem-estar particular, sua ganância, seu enriquecimento fácil. Essa afirmação pode ser constatada quando Calheiros chama a atenção dos presentes (“prestem bem atenção nisso”) para o fato que as pessoas do Governo ou ligadas a ele só passaram a se interessar pela compra da vacina quando enxergaram a possibilidade de “ganho fácil”.

Na sequência, Calheiros continua utilizando-se de metáforas (“truque mágico, com capa e cartola, coelhos ocultos”), no entanto, neste momento seu discurso não está voltado apenas para a plateia, seu discurso é diretamente voltado para o empresário

¹⁰ O Iluminismo foi um movimento intelectual e filosófico que ocorreu na Europa nos séculos XVII e XVIII e seus princípios e ideais valores de: Igualdade (todos seres humanos são iguais e devem ter os mesmo direitos), Liberdade (a liberdade é individual e deve ser protegida), Justiça (o sistema deve ser justo e imparcial para todos), Razão (razão e lógica são essenciais para o progresso e compreensão do mundo), Direitos Humanos (Direitos inalienáveis, como o direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade).

Luciano Hang. Ao utilizar o termo “uma alusão ao depoente”, Calheiros o faz para criar uma conexão sutil com o depoente, aproveitando o contexto para transmitir uma mensagem daquilo que ele- Renan Calheiros, no papel de inquiridor e a CPI-COVID esperavam conseguir durante o depoimento do empresário.

(...)eu desejo sinceramente que a presença do senhor Hang nesta comissão parlamentar de inquérito, como disse o Presidente Omar Aziz, seja uma **oportunidade para que a gente possa esclarecer esses fatos**. Se for necessário responsabilizar, se for óbvio também, torná-lo isento absolutamente de tudo o que se diz. Esse é o **nosso compromisso com a isenção, com a verdade**, com uma **elucidação independente, é tudo que nós queremos é construir e colaborar**. (Renan Calheiros, CPI-COVID19)

As expressões “truque mágico, com capa e cartola”, “coelhos ocultos” nos remete ao clássico truque mágico circense, no qual o mágico tira um coelho da cartola. Esse truque de ilusionismo tem como objetivo surpreender e entreter o público e criar uma percepção ilusória em quem assiste de que acabou de ver algo impossível diante de seus olhos.

Ao buscarmos pela simbologia do coelho, vemos que o coelho faz parte de muitas crenças, mitologias, folclore e simboliza a fertilidade, abundância, prosperidade, inocência, juventude, astúcia, inteligência. Por exemplo, nos Contos de Fadas o coelho aparece como a figura do trapaceiro, usando sua astúcia para vencer os inimigos; para os Maias o coelho representava um herói e a renovação cíclica da vida; para a Igreja Cristã o coelho representa a Páscoa, a Ressureição de Cristo, simbolizando um nova vida e fecundidade. No entanto, ao analisarmos a expressão “coelhos ocultos”, a mesma não traz um significado positivo, mas negativo, remetendo-se àquelas pessoas que contribuem para o atual quadro, e que, por ventura, seus nomes ainda não emergiram e/ou foram relacionados aos fatos.

Ao se dirigir diretamente à Hang, é isso Calheiros especificamente espera, que durante seu depoimento o empresário confirme a responsabilidade das pessoas já conhecidas e envolvidas nos fatos e, que denuncie aquelas que ainda não são sabidas, se por ventura existissem.

Calheiros retoma seu discurso lembrando como as cidades do interior se agitavam com a chegada do circo.

(...) Bons tempos Senhor Presidente Omar, em que **as cidades**, eu sou de uma cidade do interior, se iluminavam com o simples anúncio de que o **circo**

chegou. Um ambiente de fantasia e magia se espalhava pelo ar. (Renan Calheiros, CPI-COVID19)

Aqui faço um apêndice e me coloco nesse momento como um narrador testemunha que compreende bem o que Calheiros quis dizer com “as cidades se iluminavam”.

Nascida em uma pequena cidade do interior de São Paulo, me lembro bem a importância que ocorria com a chegada do circo na cidade. As cidades interioranas não tinham muitas atividades e/ou lugares para diversão. Poucas tinham cinema inclusive. Normalmente a população tinha, como forma de diversão, os desfiles comemorativos preparados pelas escolas (Dia do Índio, 7 de Setembro e 15 de Novembro) e, uma vez por ano, as Feiras Agropecuárias.

Nessas feiras, o que interessava mais para a população eram os shows com cantores famosos e o parque de diversões que trazia brinquedos nos quais tanto crianças, quanto adultos pudessem se divertir.

Ah, e a chegada do circo! A chegada do circo era um acontecimento importante, pois as cidades os recebiam a cada dois ou três anos. Sua chegada era estampada na primeira página do jornal da cidade e as rádios locais faziam a divulgação constante de sua chegada e dos horários de apresentações, chamando a população para aproveitar o momento de diversão.

O circo também realizava sua divulgação própria, que se tornava um mini espetáculo nas ruas da cidade. Os artistas saíam desfilando pelas ruas. Havia um carro de som que normalmente era dirigido pelo dono do circo, havia um carro com fanfarra tocando, malabaristas manipulando objetos como argolas ou bastões, palhaços fazendo brincadeiras com as pessoas, carro com jaula e leão com seu rugido potente, elefantes trombeteando com a artista realizando malabarismos em suas costas.

Os espetáculos sempre estavam com a casa cheia, pois atraíam um grande número de pessoas. Debaixo daquela lona não havia distinção entre adulto-criança, rico-pobre, pois todos se reuniam com o mesmo objetivo e sentiam as mesmas emoções – riam com as brincadeiras dos palhaços, ficavam apreensivos com as acrobacias aéreas dos trapezistas a grandes alturas, com o domador dentro da jaula dos leões ou com as manobras incríveis e perigosas dos motociclistas no globo da morte. O circo era realmente um lugar de magia, fantasia, prazer e felicidade!

Após esse breve momento nostálgico que me propiciou reviver esse tempo passado, retomo à análise do discurso de Calheiros.

Apesar de colocar que a chegada do circo era um ambiente de fantasia e magia que se espalhava pelo ar, o que Calheiros descreve na sequência como uma apresentação circense está longe daquela magia e fantasia.

(...)As atrações do momento transformaram a marmelada em trapaça, a magia em fraude e o entretenimento em picadeiro de morticínio. De toda a ilusão que o circo continha nos restou o trágico globo da morte e 595.520 vidas perdidas. (Renan Calheiros, CPI-COVID19)

Ao narrar o espetáculo macabro e utilizar a expressão “as atrações do momento”, Calheiros relaciona os fatos ocorridos durante o período de pandemia com o espetáculo circense, e descreve essas atrações por um viés negativo e nefástico “marmelada em trapaça”, “magia em fraude”, “entretenimento em picadeiro de morticínio”.

Ao pensar na expressão utilizada por Renan Calheiros “marmelada” dentro de uma concepção de apresentação circense, a marmelada circense nos remete a truques ou manipulações, cujo resultados são combinados de antemão para iludir o público. Por exemplo, essa expressão também é comumente utilizada no Brasil em contextos esportivos para indicar que o resultado foi manipulado ou combinado de antemão.

Já ao buscarmos a compreensão do termo “trapaça”, observaremos que esse termo assume um significado mais amplo e pode ser utilizado em qualquer contexto onde há desonestidade ou engano, ou seja, a trapaça é um comportamento desonesto ou fraudulento utilizado para enganar ou obter vantagem indevida sobre uma pessoa ou em uma situação e pode envolver mentiras, manipulações e/ou violações de regras estabelecidas.

Calheiros utiliza os termos de maneira intercambiável descrevendo a situação de fraude que o País estava vivenciando naquele momento. Assim, ao buscar a compreensão do “possíveis interpretativos” (Charaudeau, 2008), observaremos que aquilo que poderia antes ser visto como uma brincadeira ou manipulação inofensiva (marmelada), tornou-se uma fraude descarada (trapaça), indicando uma evolução negativa, onde a leveza do engano se transformou em algo mais sério e nocivo, tendo em vista que a trapaça mina a confiança e integridade, quer seja em competições, negócios ou relações pessoais.

Já, ao utilizar a expressão metafórica “magia em fraude”, o faz comparando-os diretamente, sugerindo que aquela magia, na qual magos e ilusionistas utilizam de truques

para criar maravilhas e entretenimento, que inicialmente encantava e divertia se transformou em fraude, indicando que o encanto foi substituído por desonestidade. Nesse momento, vemos que Calheiros faz uma crítica direta à perda de autenticidade e pelo uso de truques enganosos utilizados por aqueles à frente do Governo para manipulação da percepção da população.

Calheiros reforça esse quadro nefástico de apresentação por meio da expressão metafórica “entretenimento em picadeiro de morticínio”, uma vez que essa expressão evoca uma imagem sombria e paradoxal, na qual o picadeiro, tradicionalmente associado a diversão e entretenimento, contrasta fortemente com “morticínio”, que sugere morte e destruição.

Por meio da análise das expressões “marmelada em trapaça”, “magia em fraude”, “entretenimento em picadeiro de morticínio”, que amplificam a mensagem, criando uma imagem poderosa e perturbadora, vemos que Calheiros busca fazer uma crítica implícita aos responsáveis pela situação do País, chamando também a atenção de seus interlocutores para a banalização da tragédia. Tragédia essa confirmada em sua afirmação na sequência “(...) nos restou o trágico globo da morte e 595.520 vidas perdidas”.

O globo da morte, uma atração icônica circense, normalmente é a última atração a ser apresentada durante o espetáculo. Durante essa apresentação, motociclistas¹¹ realizam acrobacias dentro de uma esfera metálica. Os pilotos cruzam as paredes do globo em alta velocidade, desafiando a gravidade e a física com manobras que deixam o público em total suspense. Essas manobras, que requerem dos pilotos habilidade, coragem e precisão, transformam o perigo em espetáculo. Já no contexto que foi utilizado por Calheiros “trágico globo da morte”, adiciona uma camada de perigo e risco, destacando a natureza potencialmente fatal na qual a população brasileira foi exposta, culminando em mais de “595.520 vidas perdidas”.

Geralmente, em uma apresentação circense, após a última apresentação - globo da morte, o apresentador reúne novamente os atores no centro do picadeiro, fazendo a apresentação dos mesmos para que recebam um último aplauso e reconhecimento do público, e é isso que faz Renan Calheiros. Porém, diferentemente do circo que apresenta seus artistas enaltecendo suas habilidades e contribuições para o show, Calheiros os apresentava como desqualificados para a posição assumida no Governo e condução do

¹¹ Normalmente há de 3 a 4 motociclista dentro do globo realizando acrobacias.

país em um momento extremamente delicado, no qual exigia de seus governantes uma condução mais responsável e assertiva.

Fomos invadidos por **malabarista da milícia, marionetes do crime, saltimbancos transgressores e anões institucionais**, sempre ensaiando espetáculos antidemocráticos, mas vão se convertendo de golpistas em **domadores de pulgas lilliputianos**. Com essa **charanga desafinada**, uma **trupe desqualificada**. Renan Calheiros, CPI-COVID19)

Calheiros apresenta como primeiro personagem o “malabarista da milícia” que, provavelmente, implicitamente, faz referência ao representante maior do país, que seria o responsável pela estratégia institucional de propagação do vírus entre a população brasileira.

O termo milícia é um termo utilizado no contexto da criminalidade brasileira e designa o *modus operandi* de organizações criminosas. As milícias existem no Rio de Janeiro desde a década de 1970. As milícias atuais, grupos paramilitares, são formadas por agentes de segurança pública (policiais e militares), agentes políticos locais e moradores de comunidades.

Ao utilizar a metáfora “malabarista da milícia” sugere que “esse líder” é desprovido de moralidade e reflete um personagem desumano que manipulou situações sociais e políticas, usando de habilidades estratégicas para alcançar seus objetivos.

Na sequência Calheiros traz para o palco outros atores “marionetes do crime”, utilizando essa metáfora para se referir, implicitamente, àquelas pessoas, como, por exemplo, Ministros¹², Assessores, entre outros, ligadas ao Governo e que seriam utilizadas para executar ações ilícitas.

Assim como as marionetes são controladas por um manipulador, essas pessoas seriam pessoas desprovidas de identidade e autonomia que agiam sob a influência de um líder superior, como peões em um jogo maior.

Calheiros continua a apresentar os artistas trazendo para o picadeiro os “saltimbancos transgressores”. Os saltimbancos são artistas itinerantes que vivem de cidade em cidade levando alegria e diversão para as pessoas. Seus espetáculos geralmente

¹² Vale ressaltar aqui que as várias trocas de Ministros da Saúde em pouco tempo de Ministério se deu em razão dos mesmos não conduzirem o quadro pandêmico de acordo com as estratégias que eram desejadas pelo Presidente e Assessores – “ampla disseminação do vírus no território nacional, com o objetivo de retomar a atividade econômica a qualquer custo” (El País, 2021).

ocorrem nas ruas. Seus espetáculos com números circenses, música, teatro representam a arte em sua forma mais livre e acessível, desafiando convenções, trazendo um toque de magia ao cotidiano das comunidades.

Ao buscar a compreensão do termo transgressor, verificaremos que esse termo geralmente se refere a alguém que quebra regras, leis ou normas. Porém, a metáfora utilizada por Calheiros nos possibilitaria, em um primeiro momento, uma interpretação positiva do termo, uma vez que “saltimbancos transgressores” poderia ser interpretado como artistas que, além de entreter, desafiam as convenções sociais e culturais, utilizando sua arte como forma de protesto e expressão de inconformismo para criticar, provocar e instigar mudança social.

No entanto, dado o contexto no qual Calheiros narra a apresentação circense, essa expressão não pode ser interpretada positivamente, mas sim, de forma negativa, uma vez que Calheiros remete o termo saltimbancos àquelas pessoas que estão constantemente sendo trocadas em seus cargos, mas que não lutaram contra a injustiça, ao contrário, simplesmente desrespeitaram as normas sociais que mantêm a ordem e segurança e negligenciaram a gravidade da situação.

Por fim, Calheiros traz para o palco os últimos artistas, os “anões institucionais”.

Os anões referem-se a pessoas com uma condição médica que resulta em uma estatura significativamente menor que a média da população. Ao interpretarmos o termo por um viés literário ou figurado, a figura do anão pode simbolizar personagens que, apesar de sua estatura pequena, possuem grande coragem, sabedoria ou outras qualidades.

No contexto circense, os anões desempenhavam muitas vezes papéis variados e importantes, papéis esses, desde palhaços a acrobatas. Historicamente, eram usados para criar contraste visual e adicionar um elemento de surpresa e humor às apresentações. Porém, a metáfora utilizada por Calheiros faz referência àquelas figuras ligadas ao Governo que, apesar de sua presença, não possuíam influência ou poder algum, que poderia ser, por exemplo, o senhor Luciano Hang.

De acordo com Calheiros, esses artistas políticos-circenses “golpistas” que estavam à frente do País, diferentemente dos artistas de circo, ensaiavam e apresentavam “espetáculos antidemocráticos”, criando uma atmosfera de manipulação e controle autoritário, mascarando a verdade dos fatos, criando uma falsa narrativa, violando dessa forma, os direitos da população.

Calheiros, por meio dessa metáfora, faz uma crítica poderosa àqueles que usavam o poder para suprimir a democracia e impor controle autoritário e sugere, implicitamente, a necessidade de constante vigilância e resistência para garantir que o poder não seja abusado, ou seja, busca promover uma reflexão crítica sobre a importância de se defender a democracia.

Na sequência, Calheiros reforça que esses artistas políticos-circenses golpistas foram desmascarados e, se inicialmente havia por parte da população uma credibilidade nesse grupo, que havia assumido o Governo há pouco tempo¹³, eles próprios contribuíram para a perda de credibilidade, mostrando-se despreparados para os cargos assumidos. Essa interpretação pode ser confirmada por meio das metáforas utilizadas por Calheiros para mostrar a insignificância e despreparo do grupo: “domadores de pulgas lilliputianos”, “charanga desafinada”, “trupe desqualificada”.

Ao buscar a compreensão do “possíveis interpretativos” (Charaudeau, 2008) na metáfora “domadores de pulgas lilliputianos”, poderíamos analisá-la, inicialmente, de maneira positiva, uma vez que a mesma evoca uma imagem fascinante e surreal. Ao pensarmos essa metáfora dentro de um contexto circense, os “domadores de pulgas” nos remete a artistas de circos em miniatura que treinam pulgas, e, o termo “lilliputianos” adicionaria uma camada a mais de fantasia ao espetáculo. Essa metáfora poderia ser interpretada como forma de enfatizar a habilidade e a minúcia em lidar com tarefas aparentemente insignificantes. Contudo, não é dessa maneira que Calheiros utiliza a expressão. Ele busca o termo “lilliputianos” na obra de Jonathan Swift – A Viagens de Gulliver. A obra descreve um mundo repleto de aventuras e sátiras sociais, mas não menciona “domadores de pulgas”. A obra narra a jornada do Capitão Gulliver a terras exóticas, incluindo Lilliput, onde os habitantes são minúsculos. Essas habitantes teriam hábitos e costumes únicos que satirizavam a sociedade inglesa da época.

Assim ao buscar a compreensão de sentido e significado no termo empregado por Calheiros, vemos que o mesmo o fez para reforçar a perda de credibilidade desse grupo,

¹³ Jair Bolsonaro, capitão reformado do Exército, entrou para a política após tornar-se conhecido por atos de insubordinação no final dos anos 1980. Simpático ao período militar; chamado de “mito” por seus apoiadores, foi eleito presidente em 2018, aproveitando um momento de popularidade, capitalizando uma onda de sentimento antipetista, antissistema e descontentamento com a política tradicional. Durante sua campanha também se apoiou em uma agenda econômica que prometia reformas e privatizações, atraindo, dessa forma, eleitores que buscavam mudanças significativas na economia e na administração pública. (InfoMoney, s.d.).

reduzindo-os a seres minúsculos, insignificantes e sem importância. E, para reforçar sua afirmação, faz uso ainda das metáforas “charanga desafinada” e “trupe desqualificada”.

Ao buscarmos a compreensão do termo “charanga”, verificaremos que o mesmo remete a um grupo musical, frequentemente formado por instrumentos de sopro e percussão. Essas bandas tocam em festas populares, desfiles, eventos ao ar livre e são conhecidas por seu som alegre e animado, por seu ritmo vibrante e pela capacidade de animar multidões.

Já o termo “desafinado” evoca uma sensação de dissonância, onde as notas não se encaixam perfeitamente, resultando em um som desagradável.

Assim, ao interpretarmos o termo no contexto utilizado, vemos que a metáfora remete a imagem de um grupo musical que não está em sintonia, destacando a ineficácia e incompetência desse grupo na condução do período pandêmico que resultou em caos.

No termo “trupe”, vemos que o mesmo se refere a um grupo de artistas, de teatro ou circo, que viajam juntos para apresentar espetáculos, sendo conhecidos por seu espírito de grupo, criatividade e capacidade de se adaptar a diferentes públicos e ambientes.

O termo “desqualificado”, por sua vez, carrega em si mesmo todo significado pretendido, refere-se a alguém ou algo que não possui qualificações ou habilidades necessárias para determinada função ou tarefa.

Assim, ao usar esse termo, Calheiros reforça a falta de habilidade, coordenação e organização desse grupo, criando uma imagem poderosa de fracasso do mesmo, denunciando sua incompetência e desorganização.

Na sequência Renan Calheiros apresenta como essa “trupe desqualificada” deixou o País.

O Brasil está na lona, sem pão e apenas com **circo mambembe e palhaços maltrapilhos**. (Renan Calheiros, CPI-COVID19)

A expressão “O Brasil está na lona sem pão” é uma metáfora poderosa que transmite uma mensagem de crítica social e urgência, destacando a necessidade de ações concretas.

O termo “estar na lona” é um termo utilizado no mundo do boxe, onde um lutador caído na lona do ringue está praticamente derrotado. Calheiros utilizou essa expressão

para exemplificar a difícil situação na qual se encontrava o país, ou seja, uma situação de derrota, de vulnerabilidade, de falência.

O termo “sem pão” nos remete à falta de alimentos básicos, no entanto, faz-se necessário analisar o termo no interior da expressão em que foi utilizado. Sendo assim, ao analisar a expressão como um todo, verificaremos que a mesma evoca uma imagem de sofrimento e dificuldade e faz uma crítica pontual às políticas governamentais e de gestão que não conseguiram garantir a segurança da população.

Ao fazer uso dessa expressão, Calheiros, provavelmente, buscou gerar entre seus interlocutores o sentimento de indignação, tristeza, e, reflexão sobre a gravidade da situação e da necessidade de uma ação imediata que pudesse dar conta do caos criado por aquela “trupe desqualificada”.

Calheiros reforça ainda a situação caótica do país, remetendo que política brasileira está nas mãos de um “circo mambembe e palhaços maltrapilhos”.

O circo mambembe, é uma forma de teatro itinerante que surgiu no Brasil no final do século XIX. Esse tipo de teatro ganhou popularidade principalmente nas regiões Nordeste e Sudeste do país. É um grupo itinerante de artistas de circo que viaja de um lugar a outro, muitas vezes com recursos limitados. Esses circos são conhecidos por sua simplicidade e improvisação, mas também por sua paixão e dedicação.

Palhaços maltrapilhos evoca a imagem de alegria e tristeza. Essas figuras, com suas roupas gastas e aparência desleixada podem simbolizar tanto a simplicidade quanto as dificuldades enfrentadas pelos artistas.

Assim, ao utilizar as expressões metafóricas “circo mambembe”, “palhaços maltrapilhos”, o faz, pejorativamente, para reforçar a falta de profissionalismo, competência daquele grupo que está à frente de país apenas temporariamente.

E, para finalizar a nefasta apresentação político-circense, Calheiros cita uma frase de Mario Henrique Simonsen¹⁴, para falar diretamente para o grupo do circo mambembe.

Valho-me Senhor Presidente, do ensinamento do ex-ministro Mário Henrique Simonsen sobre os riscos da atividade circense. Ele dizia que **“o trapezista morre quando pensa que sabe voar”**. (Renan Calheiros, CPI-COVID19)

¹⁴ Mario Henrique Simonsen é conhecido por suas contribuições significativas à economia brasileira e por ter ocupado cargos importantes no governo, como Ministro da Fazenda durante o governo de Ernesto Geisel (1974-1979) e Ministro do Planejamento no governo de João Figueiredo (1979).

Acidentes com trapezistas são relativamente raros de acontecer. A maioria dos acidentes ocorre devido as falhas no equipamento, erros de execução ou condições adversas. Ao analisarmos essa frase apenas em nível da observação de um texto produzido (Charaudeau, 2008), poderíamos compreendê-la apenas de maneira simplista – o trapezista, ao pensar que sabe voar, pode se descuidar e esquecer a segurança, que o levaria a um fim trágico. Contudo, essa frase está carregada de significado. Calheiros, ao utilizá-la, envia uma mensagem sutil ao grupo como forma de alerta sobre os perigos de achar que são invencíveis ou de que estão no domínio, ignorando os riscos envolvidos. Essa mensagem tem como objetivo advertir, implicitamente o grupo, de que a linha de confiança e a arrogância pode ser fatal.

Considerações Finais/ Conclusão

Este trabalho buscou realizar a análise linguística do discurso do Senador Renan Calheiros durante CPI-COVID, com o objetivo de observar como Calheiros fez uso de estratégias discursivas, a fim de expor os acontecimentos vivenciados no país e criticar as ações utilizadas pelo Governo durante o período pandêmico.

O *mitier* no campo político requer que o estadista tenha uma série de habilidades e responsabilidades para que possa desempenhar suas funções de forma eficaz, como, por exemplo, habilidade de negociação, liderança, tomada de decisões, conhecimento político e jurídico, capacidade de se comunicar de maneira clara, entre outras.

Sendo um político de carreira, Renan Calheiros realizou, portanto, discursos em diversos lugares, como, por exemplo, Senado Federal, Congresso Nacional entre outros. Tendo a habilidade em usar a tribuna, e sendo um bom conhecedor da oratória e da língua portuguesa, seus discursos são conhecidos por sua eloquência e profundidade.

Seus discursos são, geralmente, construídos por meio de figuras de linguagens, de analogias e metáforas, que são utilizadas para ilustrar seus pontos de vista, defender suas posições, criticar seus adversários, porém, sempre com um tom sério e assertivo. Considerando ser essa uma característica marcante em seus discursos, o discurso analisado neste trabalho não poderia se diferenciar dos demais, está, portanto, repleto de metáforas.

As metáforas utilizadas por ele, buscaram reproduzir os fatos vividos pelos

brasileiros durante o período pandêmico, mas, apesar de utilizar de metáforas de um nicho circense, que nos remete a algo prazeroso, essas metáforas assumiram um valor semântico com um peso muito mais profundo e nefasto.

Calheiros durante sua narrativa, utilizou de figuras de linguagem para responsabilizar e criticar as pessoas à frente do Governo. Vemos que essa estratégia discursiva, utilizada em seus discursos, lhe permite “apontar os responsáveis” de maneira indireta, fazer uma crítica de forma mais eloquente, permitindo-lhe dizer “tudo aquilo que pretende” de maneira assertiva, sem que lhe cause problemas e/ou tenha penalizações em decorrência de sua fala.

Em relação aos estudos das metáforas, as pesquisas não são recentes, esses estudos remontam desde as civilizações antigas e, ainda hoje, continuam sendo um vasto e fascinante campo de estudo.

Durante a análise, a compreensão do nicho metafórico, ao qual as metáforas utilizadas pertenciam, foi primordial e fundamental para o entendimento e aprofundamento das mesmas. Essas metáforas formaram uma rede de poder argumentativo, permitindo, não somente observar a linguagem em uso, que propiciou ao analista interrogar o texto, fazendo emergir os “possíveis interpretativos” (novos sentidos e significados), mas também, permitiu o suporte necessário à tese central que Calheiros pretendeu abordar durante seu discurso.

Referências

- BRASIL, SENADO FEDERAL. COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO. **Relatório Final**. 26 de outubro de 2021. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/atividade/comissoes/comissao/2441/>. Acessado em: 21/10/2024.
- BRASIL. **CORONAVÍRUS BRASIL. Painel Coronavírus**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acessado em: 21/10/2024.
- BRUM, E. **Pesquisa revela que Bolsonaro executou uma “estratégia institucional de propagação do coronavírus”**. IN El País, 21 de jan. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-21/pesquisa-revela-que-bolsonaro-executou-uma-estrategia-institucional-de-propagacao-do-virus.html>. Acessado em: 21/10/2024.
- CHARAUDEAEU, P. **Linguagem e Discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos, Mitos, Sonhos, Costumes, Formas, Figuras, Cores, Números**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2001.

DIAS, E.W. **O bobo da corte**. Disponível em: <https://revistaanefac.org.br/2024/07/22/o-bobo-da-corte/>. Acessado em: 24/10/2024.

FERNANDES, A.C. **As grandes pandemias da história da Europa e os seus impactos na nossa civilização: desafios da moderna saúde pública**. IN Cad. Ibero-amer. Dir. Sanit., Brasília, 10(2): abr./jun., 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.17566/ciads.v10i2.780>. Acessado em: 21/10/2024.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Atlas Histórico do Brasil**. Mário Henrique Simonsen. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/5098>. Acessado em: 21/10/2024.

INFOMONEY. **Jair Bolsonaro: conheça a trajetória política do ex-presidente**. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/perfil/jair-bolsonaro/>. Acessado em: 21/10/2024.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS); ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Histórico da Pandemia de COVID-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acessado em: 21/10/2024.

PRIBERAM. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acessado em: 24/10/2024.

REZENDE, J.M. **As grandes epidemias da História**. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

SO ESCOLA. **A história do Circo**. 21 fev. 2016. Disponível em: <https://www.soescola.com/2016/02/a-historia-do-circo.html#gsc.tab=0>. Acessado em: 24/10/2024.

_____. **Fanfare**. <https://www.soescola.com/glossario/fanfare#gsc.tab=0>. Acessado em: 24/10/2024.

_____. **Circus**. <https://www.soescola.com/glossario/circus#gsc.tab=0>. Acessado em: 24/10/2024.

_____. **Mágico**. Disponível em: <https://www.soescola.com/glossario/magico-o-que-e-significado#gsc.tab=0>. Acessado em: 24/10/2024.

_____. **Maltrapilho**. Disponível em: <https://www.soescola.com/glossario/maltrapilho-o-que-e-significado#gsc.tab=0>. Acessado em: 24/10/2024.

_____. **Mambembe**. Disponível em: <https://www.soescola.com/glossario/mambembe-o-que-e-significado#gsc.tab=0>. Acessado em: 24/10/2024.

_____. **Marionete**. Disponível em: <https://www.soescola.com/glossario/marionete-o-que-e-significado#gsc.tab=0>. Acessado em: 24/10/2024.

_____. **Trapacear**. Disponível em: <https://www.soescola.com/glossario/trapacear-o-que-e-significado#gsc.tab=0>. Acessado em: 24/10/2024.

_____. **Trupe**. Disponível em: <https://www.soescola.com/glossario/trupe-o-que-e-significado#gsc.tab=0>. Acessado em: 24/10/2024.

SWIFT, J. **Viagens de Gulliver**. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&co_obra=2202. Acessado em: 24/10/2024.

UOL. **Iluminismo: a fé na razão e na valorização da ciência**. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/iluminismo-a-fe-na-razao-e-a-valorizacao-da-ciencia.htm>. Acessado em: 24/10/2024.

- _____. **Milícia**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/milicia.htm>.
- VEREZA, S.C. **Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva**. IN Linguagem em Discurso. V.7, set/dez, 2007
- _____. **Articulating the conceptual and the discursive dimensions of figurative language in argumentative texts**. IN D.E.L.T.A., 26: especial, 2010.